

DONDE PROVÊM OS NEGROS DA AMÉRICA DO SUL?

Por DRA. ANGELINA POLLAK-ELTZ

Caracas, Venezuela

O estudo das culturas afro-americanas foi, até há pouco, descuidado pela etnografia, embora seja de grande importância, sobretudo à luz da moderna problemática da aculturação. Vários elementos culturais conservaram-se na América, que já se perderam na África. Outros misturaram-se no Nôvo Mundo com elementos europeus, índios ou outros africanos, de modo que resultaram novas e interessantes combinações. Devem ser elucidados em um artigo separado, porque admitem, por sua vez, conclusões relativas aos atuais processos de aculturação na África, cujos resultados poderiam ser, talvez, preditos por eles. Para dissertar sobre este assunto, porém, é necessário chegar a saber algo exato sobre a origem dos respectivos negros americanos. Nos anos e décadas passados, cientistas ilustres, sobretudo Melville Herskovits, nos Estados Unidos, Artur Ramos, no Brasil, e Simpson na região do Caribe, discutiram estes problemas. Os seus resultados e os adquiridos por estudos próprios são descritos no seguinte artigo.

No decurso dos 300 anos de dominação colonial na América, aproximadamente de *10 a 15 milhões de escravos africanos* — é significativo que o número oscile tanto — chegaram ao Nôvo Mundo. Não se podem obter datas exatas, como tampouco a porcentagem do elemento africano na população dos diferentes países americanos. Isto já é difícil, porque elementos sócio-psicológicos têm um papel importante na definição do “negro”. Além disto, o processo de mestiçagem avançou tanto, sobretudo na América do Sul, que às vezes é muito difícil dizer qual elemento racial seria predominante em um indivíduo. De forma mais pura mantiveram-se os negros nas Antilhas, sobretudo no Haiti e em São Domingos e nas pequenas ilhas sob bandeira inglesa e holandesa, como também na costa das Guianas e no Brasil, sobretudo nos Estados da Bahia e de Pernambuco. Em todos estes territórios, os escravos eram ocupados nas plantações de açúcar.

Hoje é muito difícil conseguir dados exatos sobre a origem dos negros deportados para o Nôvo Mundo, porque, na maioria dos países, depois da emancipação dos escravos, foram destruídos todos os documentos relativos à escravidão. Ficaram só poucos documentos

de embarque, diários de viagens, recibos de venda e decretos governamentais, dos quais se podem tirar algumas conclusões. Dêste modo encontram-se nos balanços das minas reais de ouro e de cobre, em Búria, no atual Estado venezuelano de Yaracuy, que descobri nos Arquivos do Estado, os nomes das etnias africanas às quais pertenciam os escravos que trabalharam nas minas. Também em testamentos são mencionadas, às vèzes, as designações dos escravos legados. Infelizmente, porém, se tratam aí sempre de alusões esporádicas de pouco valor para os nossos objetivos. Ao lado de tais estudos das fontes existe a possibilidade de estudar a cultura dos vários grupos de Negros na América e estabelecer relações na África pela comparação de vários elementos culturais. Dêste modo se chega, em conformidade com as escassas fontes históricas, à conclusão de que a maioria dos escravos vieram talvez, da costa da África ocidental, entre o Senegal e Angola. Predominam, porém, algumas etnias. Dêste modo, predomina, por exemplo, a cultura dos iorubá na Bahia (Brasil) e a dos ewe-fon, no Haiti.

Os iorubá são ainda hoje uma das etnias mais populosas na costa da Nigéria. Há meio milênio, já haviam florescido as suas culturas urbanas. Até hoje são ainda, na sua maioria, agricultores, mas também no setor artístico se distinguiram. Recordem-se as famosas cabeças de bronze, de Ifé, que são um enigma para os especialistas na arte africana, pela sua forma quase clássica. Ifé era a cidade mais importante do país dos iorubá e o rei (Oni) ainda hoje é reconhecido como chefe de todos os reis urbanos. Do ponto-de-vista antropológico, os iorubá pertencem à grácil raça selvática do Sudão ocidental. A maioria dos escravos iorubá, porém, não passaram por Lagos e Badagri, na costa da atual Nigéria, onde, já há 300 anos, haviam existido feitorias européias, mas sim por Uidá e Pôrto Nôvo, no Daomé. É que o rei de Daomé estava continuamente fazendo guerra aos seus vizinhos e sobretudo contra os Estados urbanos dos iorubá, para conseguir escravos para os mercados europeus, e prisioneiros como vítimas para as divindades.

A cultura dos ewe-fon, que viviam nos Estados de Togo e Daomé, na costa, parece-se muito com a cultura dos iorubá. Também os ewe-fon são agricultores e comerciantes, só que moram em aldeias e não em cidades. O seu chefe espiritual e secular era o rei do Daomé, que governava de maneira absolutista os seus súditos desde a sua Capital - Abomey. Também em Abomey florescia a arte da fundição em bronze e da plástica metálica. Os sistemas religiosos dos ewe-fon e dos iorubá muito se assemelham, de modo que resultou em breve uma fusão no Nôvo Mundo. Pela primeira vez, Herskovits, no quarto decênio dêste século, fêz estudos comparativos aquém e além no Atlântico, investigando no Daomé, como também entre os descendentes dos fon, no Haiti.

No tráfico de escravos era de costume fornecer, regularmente, escravos de certas regiões africanas a outras tantas regiões na América, de modo que ainda hoje se observam paralelos culturais. Os ingleses, por exemplo, tinham as suas feitorias na chamada "Windward Coast", em Gâmbia e Serra Leoa, os portugueses em Uidá, na "Costa dos Escravos" (Daomé) e em Benguela, os franceses no Senegal e na costa do Daomé. Era natural que os negociantes de escravos ingleses vendessem a sua mercadoria nas colônias britânicas, enquanto os franceses cuidassem das suas plantações na América. Só os espanhóis não atuaram como caçadores de escravos, mas receberam os seus operários na base de contratos com emprêsas comerciais portuguesas, britânicas ou francesas. Dêste modo a população de escravos, nas colônias hispano-americanas, era muito misturada.

Generalizando, podemos dizer hoje que grande parte dos negros importados para os territórios espanhóis provieram da região litorânea entre o Togo e a Nigéria, embora também bantos fôssem trazidos do Congo. A maioria dos negros dos países da Guiné eram, êles próprios, ewe-fon ou iorubá, ou se familiarizaram, já na África, com a cultura dêstes povos, porque os próprios ewe-fon e iorubá faziam, durante séculos, um tráfico ativo com os europeus, no qual receberam a sua "mercadoria" do interior. É que êles mesmos apareceram também como donos de escravos. O rei de Abomey, por exemplo, ocupara muitos escravos nas suas plantações de palmeiras. Sobretudo nos últimos anos do tráfico oficial e até a segunda metade do século XIX, quando o tráfico era proibido, muitos negros, porém, chegaram "de contrabando" à América e muitos iorubá chegaram ao Nôvo Mundo. Naquela época, os portugueses mantiveram ativas relações comerciais com o rei do Daomé, em Uidá e Pôrto Nôvo, na costa. O seu intermediário era um certo Félix de Souza, retornado do Brasil, onde nascera como escravo, no Rio de Janeiro; chegou a ser, no Daomé, rico e famoso pelo seu comércio de escravos sem escrúpulos. É que, no século XIX, muitos escravos alforriados voltaram para a costa africana, onde podiam aplicar, com proveito, as habilidades manuais aprendidas no Brasil. Os seus descendentes figuram hoje entre as famílias mais respeitadas em Lagos, Pôrto Nôvo ou Uidá.

A CULTURA DOS IORUBÁ NA AMÉRICA

Nos últimos anos tive a ocasião de estudar a cultura dos iorubá no Brasil, como também na Nigéria. Realmente podem ser comprovadas paralelas culturais e sobretudo na esfera religiosa não há dúvida sôbre as afinidades. Os iorubá crêem em um deus supremo, Olodumaré, que preside a um panteão divino, mas que é considerado

ser distante demais para ser adorado pelos homens. As divindades inferiores, porém, que personificam forças naturais, que são antepassados deificados ou moram em rios e montanhas, sacrificam-se em templos, e são honrados com danças durante as grandes festas anuais. Na Bahia tem-se conservado o culto desses “orixás” (divindades), mas misturado de forma harmoniosa com a adoração dos santos católicos. Os antigos nomes africanos não se perderam, mas usam-se em invocações no Candomblé, no mesmo sentido como os nomes dos santos. Enquanto se assiste, aos domingos, à missa, na igreja católica, venerando Maria, dança-se às terças-feiras no Candomblé em honra de Iemanjá, que se identifica com a Santa Virgem. Aqui, as festas anuais dos Orixás coincidem com os dias dos respectivos santos. Nestas festas faz-se soar o atabaque e dança-se. Os fiéis caem em transe e entram em comunicação com os santos, com os Orixás. Recebem o “santo da sua adoração particular”, isto é, aquela divindade em cujo serviço entraram as mulheres depois de uma aprendizagem e iniciação solene, para servir-lhe, no Candomblé, como sacerdotisa. O iorubá é ainda hoje a língua ritual na Bahia, mas não é mais compreendido por todos os seguidores do Candomblé.

Também os tambores dos negros da Bahia parecem-se muito com aqueles dos iorubá. O canto dos negros no Candomblé ou nos cortejos carnavalescos no Brasil parece-se, no seu ritmo e na sua forma, com as canções que pude registrar em fita magnética nas danças de máscaras. Únicamente que se canta aquém do Atlântico em iorubá, mas além em português.

Também em Cuba ainda se conhecem os nomes dos antigos Orixás, que se veneram em nome dos santos católicos. Em Trinidad, o culto de Xangô é muito popular. Xangô, porém, é a divindade do trovão e da trovoadas dos iorubá.

Mas não só os cultos se conservaram. Na Bahia há inúmeras vendedoras ambulantes, que vendem aos passantes as comidas preparadas de mandioca, milho, condimentos picantes e muitas espécies de carne.

As receitas vêm tôdas da África, do país dos iorubá. Se bem que a arte da escultura em madeira, no Brasil, não tenha alcançado o alto nível dos artistas africanos, podem-se reconhecer, outra vez, certas paralelas. As figuras mostram, nitidamente, a influência dos iorubá. Muitas delas representam divindades.

Enquanto, pois, o panteão dos iorubá deixou nitidamente seus vestígios, até hoje, em Cuba e no Brasil, na Venezuela os elementos africanos misturaram-se mais intensamente com idéias cristãs. Ali, os negros transmitiram as propriedades de várias divindades — cujos nomes esqueceram — a um só ou a dois santos. Na festa do santo, êste é venerado com música de atabaques e danças religiosas. Com isto agradecem-se as orações atendidas. São João Batista, San Juan,

está relacionado com os ritos do solstício que se celebram também na África, e está associado às idéias da fertilidade. Do mesmo modo, entre os iorubá, muitos aniversários de Orixás coincidem com o solstício do verão ou do inverno, e também aqui a fertilidade dos campos e das mulheres desempenha um papel importante. São João pode, talvez, ser identificado com Xangô, que também na África se relaciona, como divindade da trovoada, com a chuva e a fertilidade dos campos. Na Venezuela porém, estas paralelas religiosas não são tão pronunciadas como na Bahia.

Note-se ainda que a escravidão, em Cuba e no Brasil, foi abolida somente em fins do século XIX, e que foram importados, até aquele momento, novos contingentes de negros, de modo que as idéias religiosas se conservaram de forma muito mais viva que na Venezuela, onde, a partir de 1810, quase nenhum escravo chegou.

Até há pouco tempo, existiram animadas relações comerciais entre a Bahia e Lagos. Navios traziam azeite de palma e nozes de cola da Nigéria para o Brasil, produtos que desempenhavam um papel importante no culto. Sacerdotes baianos do culto do Candomblé dirigiam-se à África, para aperfeiçoarem-se com os sacerdotes nigerianos. Se bem que se trate aqui só de casos isolados, sempre explicam os laços estreitos que ligam ainda hoje a Bahia à África. Parece que só nos últimos tempos se romperam estas relações culturais e econômicas.

CULTURA DOS "BUSH NEGROES" (ANTIGA GÜIANA HOLANDESA)

Os chamados *bush negroes* são os descendentes de escravos que trabalharam só por pouco tempo nas plantações dos ingleses e holandeses na Güiana, mas logo fugiram para as florestas. Foram importados pelos traficantes, no século XVIII, e chegaram, na sua maioria, da Costa do Ouro. As colônias na Güiana, porém, eram pouco desenvolvidas e organizadas, de modo que era fácil, para um escravo amante da liberdade, sumir nas espessas florestas do *hinterland*. Fundaram lá aldeias e formaram unidades tribais como na antiga pátria. Ainda hoje, os seus descendentes vivem nas florestas de Suriname e de Caiena (Guiana Francesa). Os *bush negroes* são organizados em quatro tribos principais, cada uma com um chefe que é reconhecido pelo governo e possui ampla autonomia dentro do seu território. Praticam uma agricultura intensiva sobre campos fertilizados por meio de incêndios; as suas aldeias encontram-se perto dos rios, e as frentes das suas casas são enfeitadas com painéis entalhados. Aqui, a arte de escultura em madeira tem-se conservada, na sua forma mais pura. Também os remos, os pentes e os malhos para a roupa são guarnecidos com ornamentos talhados, como na

África. As mulheres adornam a parte interior das cabaças. Durante a minha visita a Suriname pude ocupar-me com a arte destes *bush negroes* e descubri diversas paralelas com a arte das etnias dos ashanti e fanti da Costa do Ouro (Gana).

O deus supremo dos *bush negroes* americanos chama-se Nyan-kupon. Tal nome é corrente também na Costa do Ouro. Veneram-se espíritos da floresta e do bosque, que são conhecidos sob o nome de Srahmantin e Sasabosum. Também estes nomes são conhecidos em Gana, e isto para espíritos florestais, que vivem nas amoreiras. As amoreiras (Bombaceae) desempenham um papel no culto dos *bush negroes*.

Também os tambores dos Ashanti reencontram-se entre os *bush negroes*. Também o ritual do entêrro é amplamente idêntico. Por exemplo, acredita-se que a morte não ocorre de forma natural e interroga-se, por isto, o cadáver sobre o autor da morte. O caixão é levado de uma a outra casa. Quando se entra na casa do suposto assassino, o cadáver deve mover-se. Tal crença é divulgada em Gana, do mesmo modo que em Suriname. Teme-se, pois, o poder da magia negra, que por fórmulas mágicas ou através de venenos, faz descer até o próximo os que já morreram.

De resto, também nas Antilhas inglesas encontram-se ainda vestígios da cultura dos fanti-ashanti. Por "obia" entendem-se em Gana, amuletos, e em St. Kitts, nas Ilhas Sotavento, chamam-se os mágicos que se ocupam com a fabricação de amuletos, "Obiamen". Na esfera da magia e feitiçaria observam-se muitas paralelas entre a África e a América negra; tais práticas, porém, são tão amplamente divulgadas na África, que não se pode dizer hoje, com certeza, qual foi a região definida, da qual se originaram estas coisas.

Sem dúvida, com os *bush negroes* podem-se fazer ainda estudos interessantes. Visto que vivem em contatos com as tribos mais primitivas dos índios da Guiana, podiam lhes transmitir a sua cultura. Assim aceitaram os índios os tambores dos negros, que chamam, à falta de uma palavra própria "sambora" ou "tambora". Esta palavra é de origem espanhola, mas o instrumento vem dos negros.

A CULTURA DO DAOMÉ NA AMÉRICA

O Daomé foi durante séculos um centro da escravidão. Os reis do Daomé vendiam muitos milhares de prisioneiros de guerra aos comerciantes europeus, que se disputavam os favores do monarca sanguinário. Este fez muitas guerras, mas quando o número de prisioneiros não era suficiente, estava também disposto a vender, indiscriminadamente, os seus próprios compatriotas aos comerciantes insaciáveis. Visitei o Daomé no verão de 1966 e pude fazer, durante uma breve permanência no Haiti, alguns estudos comparativos.

Como resulta dos trabalhos de Herskovits e de Métraux, predomina no Haiti a cultura dos ewe-fon. Sobrepõe-se, porém, a uma cultura do Congo mais primitiva. Herskovits baseia-se, para provar a cultura dos ewe-fon no Haiti, em comparações mitológicas e religiosas. Ali se adoram os Vodum, as divindades do Daomé. No idioma dos ewe-fon, porém, designam-se todos os seres supranaturais com o nome de "Vodoun". Dêste termo deriva-se a palavra "woodoo". Além disso, no Haiti sacrificam-se galinhas nos altares das divindades, e as estátuas dos santos, que ali representam também êstes seres superiores, são untadas com o sangue das vítimas. Dança-se em honra da serpente Dangbe, que se chama no Haiti, Damalla e que foi venerada em Uidá, no Daomé, em templo próprio. Este culto está hoje extinto na África. A serpente representava lá a família real, a cujos antepassados se devia uma veneração particular. Conquanto, pois, o culto das serpentes não se celebre mais no Daomé, podem-se observar, nos templos dos vodounistas, no Haiti, serpentes sagradas, que são levadas durante as grandes festas e veneradas com danças.

Há paralelas também nas instituições sociais. No Haiti, festas religiosas são organizadas por irmandades, que exercem também, como grêmios cooperativos e companhias de entêrro, uma função social importante. Tais irmandades existiam igualmente nas colônias espanholas, e a sua tarefa principal consistia em alforriar os escravos. O chamado sistema de *combite*, no Haiti, é uma cooperativa agrícola, comparável com o sistema dokpwe do Daomé. Os homens da aldeia lavram os campos em comum. Depois de terminar os trabalhos, uma festa é dada pelo proprietário do terreno, para todos os membros do *combite*. Durante o trabalho, os tambores animam os homens para maiores resultados. Também os trabalhos comunais e a construção de casas são feitos por tais cooperativas. Na Venezuela encontra-se uma instituição semelhante, sob o nome de *cayapa*. Note-se, ainda, que os tambores chamados Rada, no Haiti, coincidem, quase inteiramente com os tambores que pude ver no palácio real, em Abomey.

Também nas culturas urbanas do Brasil, particularmente em São Luís do Maranhão, observam-se influências da cultura ewe-fon. Em algumas casas de Candomblé da Bahia adoram-se as divindades do Daomé. Também em Nova Orleans e no Estado de Louisiana ter-se-ia aderido, antes, ao culto dos Woodoo, mas sôbre isto não pude obter informações exatas.

INFLUÊNCIA CONGOLESA NA AMÉRICA

Como foi afirmado no comêço, os portugueses possuíam feitorias em Angola, que remontam ao século XV. Os portugueses até lograram fundar um reino cristão no Congo, caído porém, em deca-

dência depois da retirada dos missionários portugueses. Da região do Congo e de Angola muitos escravos foram deportados para o Brasil, ali chegados antes da grande invasão dos iorubá. De preferência, os negros do Congo foram empregados para a lavoura nos campos, sobretudo nos Estados da Bahia e de Pernambuco. Os seus descendentes encontram-se ainda hoje nas regiões rurais destes Estados. Nas cidades foram preferidos, para domésticos e operários, os iorubá, por serem mais inteligentes.

No Rio de Janeiro encontram-se, na verdade, ainda testemunhos da cultura Congo-Angola, isto nos *ritos da Macumba*, onde as divindades congolezas levam os seus nomes antigos mas a sua adoração misturou-se com tendências espiritualistas.

Os tambores usados durante as cerimônias religiosas possuem só membranas fixadas com pregos. Instrumentos correspondentes encontram-se também no Congo. Uma outra forma de fixar as membranas é, na África, o mútuo atar das membranas duplas. Tambores com duas membranas, de madeira leve, que apresentam tal forma de atar, encontram-se também na Venezuela, sob a designação de “tambor redondo”; também êles parecem provir da região do Congo. Justamente relativas à fabricação e ao uso dos tambores podem ser feitas comparações relativamente exatas porque a maneira de serem fabricados permaneceu constante durante os séculos e tampouco não se modificou essencialmente nas Américas.

Do Congo proviria também o jôgo de desafio “capoeira” que é cultivado ainda hoje na Bahia. Trata-se de uma espécie de luta fictícia, durante a qual o adversário apenas é tocado, e onde não há vencedor. Ao ritmo de vários instrumentos de arco (chamados, na Bahia, “berimbau”), matracas e campainhas, os lutadores se movem num ritmo rápido. Na verdade não podia eu traçar paralelas com semelhantes danças de brincadeira ou de luta na África, mas o instrumento a arco, que é um acessório importante da capoeira, é muito difundido na região do Congo-Angola. Além disso, velhos mestres da capoeira na Bahia contaram-me que haviam aprendido tal arte dos descendentes de escravos congolezes. Uma escola de capoeira, na Bahia, chama-se muito significativamente, “Angola”.

Em Cuba, cortejos em honra dos “reis do Congo” e “tambores do Congo” dão testemunho do país de origem dos negros que lá vivem.

Na Venezuela, parte da atual população de negros é de descendência congoleza. Isto se comprova através dos documentos de embarque. Outras provas são os nomes de aldeias. Assim “birongo”, significa nas línguas banto, “feitiçaria”. Na Venezuela existe uma aldeia deste nome. No leste da Venezuela, celebra-se a festa de São Bento por motivo do solstício do inverno. Os tambores que se usam são denominados “chimbangeues”. O nome “bangala” significa, em Cuba, “festa profana dos negros congolezes”.

É que ali chegaram muitos negros do Congo que foram vendidos sob o nome de “bangala”. No século XVIII, houve em Caracas uma irmandade dos “Quibanguelles”, cujos membros eram exclusivamente escravos congolezes. Possivelmente pode identificar-se “bangala” com Benguela, cidade da costa de Angola.

Estas comparações de cultura esboçadas possibilitam resolver a questão da origem dos negros da América. Com isto, porém, criam-se só as condições prévias, para elucidar o próprio processo da aculturação e para constatar as tendências de desenvolvimento, tanto na África como na América. A êste tema deve ser dedicado um trabalho seguinte.

WHERE DO THE SOUTH AMERICAN NEGROES COME FROM

Recognizing the difficulty in having exact information nowadays on the origin of Negroes deported to South America as slaves, the Authoress estimate their number as 10 to 15 million. However, she believes that the majority of them came from the West African coast, from Senegal to Angola. In Bahia the Yoruba would later predominate, while in Haiti the majority would be of Ewe-Fon. The English had their trading post on the so called Windward Coast, Gambia and Sierra Leone, the Portuguese on Ouidah, on the “Slave Coast” and Benguela and the French on Senegal and the Dahoman coast. The Spanish were not slave hunters. Even today there are plenty of traces of the Yoruba culture in Brazil and Cuba.

The Authoress studies the Bush Negroes from the Guyannas, as well analyzes the traces of the Fanti-Ashanti culture on the English Antilles.

D’OÙ VIENNENT LES NOIRS D’AMÉRIQUE LATINE?

Tout en reconnaissant la difficulté d’établir, avec certitude, l’origine exacte des noirs déportés vers l’Amérique latine, l’auteur évalue à 10 ou 15 millions le nombre des déportés. Elle pense que la majeure partie de ceux-ci sont originaires du Sénégal, d’Afrique occidentale et d’Angola. L’ethnie yoruba prédomine à Bahia, les Ewe-Fon à Haiti. L’Angleterre avait maintenu des installations dans la “Windward Coast”, en Gambia et en Sierra Leone; le Portugal à Ouidah, à la Côte des Esclaves et au Benguela; la France au Sénégal et sur la côte du Dahomey. L’Espagne ne participait pas à la chasse aux esclaves. Or, les indices d’une culture yoruba sont nombreux au Brésil et à Cuba.

L’auteur étudie encore les “bush-negroes” de la Guyane et les vestiges de la culture fanti-ashanti aux Antilles anglaises.